Da hermenêutica de Nietzsche a uma epistemologia compreensiva da comunicação: "Não há fatos, mas somente interpretações"

From Nietzsche's hermeneutics to a comprehensive epistemology of communication: "There are no facts, only interpretations"

Dimas Antônio Künsch[1]

Doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Líder do grupo de pesquisa "Da Compreensão como Método".

José Eugenio de Oliveira Menezes[2]

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC e do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir.

Mauro Araujo de Sousa[3]

Doutor em Filosofia pela PUC/SP com pós-doutoramento pela UFSCar/SP. Professor da Fatec de Mauá/SP e professor do Centro de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae/SP.

Resumo

O texto se constrói no ambiente intelectual de incertezas a que estamos sujeitos quando fundamos nossa busca pela verdade numa visão plural e compreensiva de conhecimento. A partir de um viés perspectivista nietzschiano, à luz do questionamento do filósofo sobre o conceito de verdade e frente, também, às próprias incertezas do campo da hermenêutica, o mundo da pesquisa é provocado a lidar com as diferenças e com o não determinismo. O desafio dos autores, neste texto, é propor uma conversa de modo ensaístico no âmbito das preocupações em torno do que nomeamos compreensão como método, aplicada à Comunicação. Deve resultar desse esforço conversacional, reflexivo e interpretativo a convicção de um possível papel da Comunicação como operadora do diálogo entre teorias, epistemologias, áreas de conhecimento e saberes humanos em geral, científicos e não científicos.

Palavras-chave: comunicação, compreensão como método, Nietzsche.

Abstract

The text is built within the intellectual environment of uncertainties which surrounds us when we base our search for truth on a plural and comprehensive view of knowledge. From a Nietzschean perspective, under the light of the philosopher's questioning of the concept of truth and also facing the uncertainties in the field of hermeneutics itself, the world of research is provoked to deal with differences and non-determinism. The challenge of the authors in this essay is to propose a conversation within the scope of the concerns around what we call comprehension as a method, applied to Communication studies. The result we expect from this conversational, reflective and interpretative effort is the conviction of a possible role of Communication as the operator of the dialogue between theories, epistemologies, areas of knowledge and human knowledge in general, scientific and non-scientific.

Keywords: communication, comprehension as a method, Nietzsche.

1. Introdução

Isso a que, simplificando bastante, poderíamos dar o nome de "mundo acadêmico" herdou da Filosofia um dualismo teórico-epistemológico que constitui historicamente uma das marcas salientes da metafísica em seu labor hermenêutico. Durante séculos, a oposição entre valores como certo e errado, bem e mal, teorias, epistemologias, conceitos, sistemas de pensamento e, também, entre as práticas que nesses processos se ancoram tem sido uma dominante em pesquisas e debates acadêmicos.

1 Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5621-898X. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5138369983681178. E-mail: dimas.kunsch@gmail.com

2 Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5600-6079. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5433104987713201. E-mail: menezes.eugenio@gmail.com

3 Professor da Fatec de Mauá/SP. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0549-3364. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4375422010698791. E-mail: aramaso@gmail.com

Costumamos, de fato, como bem mostra a experiência, antes brigar em defesa de nossas posições teórico-epistemológicas que sustentar um debate de tipo mais ou menos civilizado em torno de interesses comuns frente a um mundo que nos convoca e provoca para o estudo, a pesquisa, a geração de conhecimento e a sustentação de práticas que promovam o bem-estar, a cidadania, a democracia e a paz.

Nesse contexto, parece-nos nunca tarde, nem demais, voltar a bater na tecla e a refletir sobre os modos como a academia se encontra envolta nessa malha metafísica de matriz dualista e sobre o quanto Nietzsche chama a atenção para isso. "A crença fundamental dos metafísicos é a *crença nas oposições de valores*", escreve Nietzsche, grifando, ele mesmo, parte da frase, para observar que "nem aos mais cuidadosos entre eles ocorreu duvidar aqui, no limiar, onde mais era necessário: mesmo quando haviam jurado para si próprios *de omnibus dubitandum* [de tudo duvidar]" (Nietzsche, 1998, p. 10. Convenção Internacional Colli/Montinari: JGB/BM. Dos preconceitos dos filósofos, § 2).[4]

Nosso objetivo neste ensaio, na perspectiva do quanto propõe e ao mesmo tempo busca o que nomeamos com a expressão "método da compreensão", é contribuir de alguma forma para que esse nó se afrouxe ou, até onde possível, se desfaça, de tal modo que a hermenêutica conquiste o seu lugar ao sol ao escapar do mundo filosófico-metafísico no sentido apontado por Nietzsche.[5]

Simultaneamente, entendemos que contribuiremos, também, para uma visão do exercício hermenêutico como algo de natureza compreensiva ou, metaforicamente, para um pensamento mais de vírgulas, reticências e interrogações que de pontos finais. Um e outro objetivos pretendem ser situados na direção do nosso interesse maior neste texto, que é interrogar a Comunicação em seus desafios e suas potencialidades compreensivas face às demais ciências e às práticas sociais e políticas que elas promovem, incluindo nesse processo os saberes e as práticas não consagrados pelos métodos das próprias ciências.

A hermenêutica, com efeito, quando preservada a sua abertura para a complexidade do mundo – portanto, na contramão da ideia de uma verdade última e definitiva –, dialoga bem, de diferentes modos e por várias razões, com a proposta de uma epistemologia compreensiva. Algumas dessas razões serão evidenciadas aqui e ali ao longo deste ensaio, que se compõe de seis partes distintas, tendo sido feita esta breve Introdução. Iniciamos com alguns apontamentos sobre o parágrafo 354 de *A gaia ciência:* trata-se de um ponto de partida indispensável em qualquer espécie de consideração sobre o tema de Nietzsche e a comunicação.

A aproximação entre hermenêutica numa perspectiva nietzschiana e compreensão aprofunda a conversa, no segundo tópico, numa área em que a renúncia a certezas e a verdades definitivas aparece como um convite ao diálogo e, *last but not least*, à comunicação. Num terceiro momento, ocupamo-nos com a noção de verdade e/ou verdades, seu caráter provisório em Nietzsche e sua expressão na cultura filosófico-científica do Ocidente. Na quarta seção expressamo-nos sobre o tema da verdade dita objetiva, e ali apresentamos a crítica nietzschiana ao positivismo.

A penúltima parte retoma o ensinamento nietzschiano sobre a perspectividade de todo conhecimento e traça relações com o tema da compreensão como método, para, na sexta e última parte, apontarmos alguns tópicos elementares para o exercício da compreensão no campo da teoria e da epistemologia da Comunicação, a partir sempre de Nietzsche.

Uma palavra necessita ainda ser pronunciada sobre a escolha do ensaio como modo de escrita. Espiritual e intelectualmente próximo à compreensão como método ao se instaurar ele mesmo como método específico de expressão do conhecimento, o ensaio, no melhor de seus sentidos, se propõe como um texto conversacional, dialógico, aberto.

Sem um começo e um fim definidos e menos ainda definitivos, distanciando-se de um pensamento fundado na ideia de universais e de essências e renunciando, também, à ideia de verdade entendida como um ponto final sobre os fenômenos e sobre a realidade, o ensaio, como anotam distintos autores (Adorno, 1986; Flusser, 1998; Montaigne, 2010), não precisa ser avesso à ideia de rigor, mas situa essa ideia no caminho que prefere o vigor da busca entre pares e não-pares à irritante arrogância dos que costumam se ver e proclamar como detentores de um saber absoluto – um saber frequentemente pouco democrático, quando não autoritário.

Pode valer neste contexto o que Boaventura de Sousa Santos sugere ao "Ocidente" no confronto com o que ele chama de "epistemologias do Sul", no âmbito de uma

4 As próximas referências a textos de Nietzsche serão colocadas também no padrão Internacional Colli/Montinari, todavia sem mencionar mais o motivo, de modo que seguirão primeiramente a sigla em alemão e posteriormente a sigla em português (ou outro idioma se fosse o caso): JGB/BM (*Jenseits von Gut und Böse/Além do Bem e do Mal*) e o respectivo título, se tiver, e número do aforismo.

5 Ver, sobre o método da compreensão, *Compreender: indagações sobre o método* (Künsch, 2020). Uma boa parte de quanto até hoje se escreveu e publicou sobre o pensamento compreensivo e, em particular, sobre um método da compreensão pode ser acessado, em forma de textos introdutórios, coletâneas e edições especiais das revistas brasileira *Líbero* e colombiana *Folios*, no site do grupo de pesquisa "Da Compreensão como Método" (www.dacompreensao.com.br).

ecologia de saberes: "Um ocidente humilde, um ocidente que partilha com outras regiões e culturas um mosaico muito mais vasto de criatividade humana" (Santos, 2010, p. 520).

2. Da necessidade da comunicação

O ponto de vista por nós adotado, de uma mirada compreensiva nas relações entre o pensamento nietzschiano e a comunicação, leva-nos inicialmente, com Nietzsche, a considerar essa mesma comunicação, no sentido *lato*, como uma necessidade que se impõe a partir do desafio do humano de viver entre semelhantes (da mesma espécie). Trata-se de uma exigência, portanto, do modo humano de existir no mundo. Num mundo humana e socialmente assim configurado, o indivíduo torna-se mestre não somente em comunicar suas necessidades – inclusive a necessidade de comunicação –, como se transforma igualmente em mestre em tornar compreensíveis essas suas necessidades (cf. Nietzsche, 2001, p. 248. FW/GC, § 354. Do "gênio da espécie").

Mas como isso seria possível em uma dimensão hermenêutica em que não há propriamente sujeito? Para o filósofo do Zaratustra (ou daquele que anuncia o "além-do-homem"), o corpo é base, fundamento de tudo, um assunto ao qual voltaremos logo na sequência. Tudo se encontra diretamente vinculado, submetido ao corpo, até o que denominamos consciência. O corpo pensa.

Assim, temos que o nosso "modo sujeito" representa um conteúdo tão privado de sentido quanto o próprio antropocentrismo. A consciência não se deixa entender como centro de nada, nem nós os humanos o somos. Nossa perspicácia em comunicação, nossa sutileza e a força de nossa consciência, como matrizes geradoras de nossa capacidade de comunicação, tudo se evidencia como refém de nossa necessidade de comunicação, como uma realidade que nos submete à dependência de uns para com os outros.

Sempre de acordo com o modo nietzscheano de pensar o mundo e a vida, é antes de qualquer coisa a necessidade que nos advém da nossa fragilidade corpórea que nos fez pessoas de comunicação no universo das possibilidades da nossa consciência. Essa fragilidade se nos apresenta, inclusive, na relação com outras espécies animais, que também se comunicam a seu modo entre si. Emerge nesse contexto em nós a consciência, ou, como poderíamos também dizer, a necessidade de consciência, o que situa o tipo humano em algum lugar além do que outros animais apresentaram em sua forma de comunicação.

Estamos tratando, como é fácil intuir, de uma avalanche enorme de necessidades, por meio das quais fizemo-nos fortes no comunicar-nos, segundo Nietzsche nesse mesmo aforismo que estamos acompanhando a partir de sua obra *A gaia ciência.* Tornamo-nos, assim, esbanjadores de comunicação por meio de nossos escritores, oradores, pregadores... A necessária expansão de potência propícia aos seres vivos, que em nós acontece, em parte, ocorre também na área da comunicação, e desse modo chegamos aonde chegamos. Convém, no entanto, notar sempre de novo que somos frágeis, já que nossa constituição física assim é. A nossa própria vida é um sopro, bem sabemos...

As condições existenciais nos levam à construção de um quadro social com o recurso à comunicação. Quanto mais nos comunicamos, mais consciência e vice-versa: uma potência de consciência e comunicação, no linguajar nietzschiano. A necessidade e a capacidade da comunicação caminham juntas. Ora, ainda que o corpo continue sendo, e é, nosso fundamento, até para mantermos firme esse alicerce, temos que nos comunicar. Sem essa condição de sujeito que se comunica sucumbiríamos mais rapidamente, como vítimas infelizes de nossas próprias necessidades e dos nossos limites. O corpo nos fez sentirmo-nos sujeitos de nós mesmos por meio da consciência formada em nós pelo próprio corpo. Nessa linha de leitura, então, não há sujeito ou, como poderíamos talvez dizer de maneira mais correta: não há um "sujeito em si", uma vez que, para Nietzsche, não há nada "em si".

Somos capazes e a um só tempo necessitados das relações humanas e, para isso, fazemo-nos pessoas que se comunicam: pessoas com capacidade e necessidade de comunicação. Tornamo-nos seres em comunicação, exercitando sua potência de comunicação. Com a palavra o próprio Nietzsche:

> *[...] o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna* ***consciente*** *é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: – pois apenas esse pensar consciente* ***ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação,*** *com o que se revela a origem da própria consciência. Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (****não*** *da razão, mas apenas do tomar-consciência-de-si da razão) andam lado a lado. Acrescenta-se que não só a linguagem serve de ponte entre um ser humano e outro, mas também o olhar, o toque, o gesto; o tomar-consciência das impressões de nossos sentidos em nós, a capacidade de fixá-las e como que situá-las fora de nós, cresceu na medida em que*

> *aumentou a necessidade de transmiti-las a* ***outros*** *por meio de signos (Nietzsche, FW/GC, § 354, p. 249. Do "gênio da espécie").*[6]

3. Interpretação e compreensão

Resgatando a discussão sobre o tema específico do sujeito, fixemo-nos por um instante, como exemplo, no modo como não poucas vezes os termos sujeito e objeto, centrais no universo da pesquisa, passam a designar realidades que guardam uma proporção estreita com esse dualismo de que falávamos, presente tanto na produção de conhecimento em geral e científico em particular quanto no imaginário social e nos símbolos que conformam a nossa cultura filosófico-científica. Mais ainda, nosso paradigma científico "procede pela transformação da relação eu/tu em relação sujeito objeto", escreve Santos (1989, p. 34), "uma relação feita de distância, estranhamento mútuo e de subordinação total do objeto ao sujeito (um objeto sem criatividade nem responsabilidade)".

A construção cognitivo-sociocultural do dualismo é vista por Nietzsche, em um primeiro momento, e em parte, como resultante do próprio ato humano de atribuir valores à realidade, uma vez que o ato interpretativo é sempre e sem exceção perspectivado. Porque, afinal, como bem coloca o filósofo ao longo de muitas de suas obras e em aforismos póstumos, em especial em *Genealogia da moral*, os valores, antes de se constituírem como tais, passam por uma avaliação. Assim, nos conceitos de sujeito e objeto estão implícitas perspectivas, visões de mundo, interpretações.

Voltaremos adiante ao tema da perspectivação de todo conhecimento. Por ora, é importante ressaltar que o argumento nietzschiano se erige em torno da distinção que ele traça entre pequena e grande razão, o que, na visão do filósofo, atesta o viés de uma construção frágil do saber, na escolha que se faz pela pequena, e não pela grande razão. O tipo humano,[7] que Nietzsche vê como um centro de relações de forças e ao mesmo tempo como a hermenêutica que o indivíduo produz dessas mesmas relações, interpreta sujeito e objeto por meio da sua pequena razão, que ele toma como central, em vez de o corpo todo, a sua grande razão como razão-corpo (cf. Nietzsche, 2003a, p. 60. Za/ZA. Dos desprezadores do corpo).

A bem da verdade, encontra-se ausente um sujeito que interpreta, porque se trata de uma interpretação-corpo dessas relações, ou seja, de centros de vontade de potência. Todavia, a pequena razão se pensa e vê como sujeito. Em outras palavras, o tipo humano pensa que é responsável por sua razão como um sujeito que interpreta, e não vê isso como um acontecimento das relações de forças que são o seu próprio corpo, sua grande razão na existência. Mas, enquanto sujeito, eis que o tipo humano se opõe ao objeto ao elaborar a "sua" interpretação.

Todavia, não é essa propriamente a discussão que nos interessa neste texto. Cumpre-nos inicialmente indicar apenas o quanto o campo da Hermenêutica, a instância máxima das interpretações na Filosofia, pode estar repleto de equívocos, quando estudada a partir de uma visão de mundo nietzschiana. O filósofo deixa clara sua perspectiva do tipo humano e sua razão para, depois, sublinhar que, mesmo considerando-se e se sentindo um sujeito, o tipo humano o que faz é interpretar. E, ao fazê-lo, pratica ordinariamente sectarismos, ao se fechar em sua perspectiva, abandonando as demais ou sem ao menos pretender vê-las. Perspectivado por natureza, o conhecimento necessita, compreensivamente, do diálogo de outras perspectivas para tentar escapar à sua condição menor.

Ora, como lembra Nietzsche, a dúvida, própria de todo filósofo, constitui a mola mestra para evitar dogmatismos hermenêuticos, o que não significa, por outro lado, cair no relativismo de que tudo ou também nada de nada vale, ou serve, na relação entre sujeitos e destes com as coisas. Nietzsche insiste, nesse sentido, para que, no mundo acadêmico e fora dele, o tipo humano não se torne fechado para o seu sistema. O filósofo de Zaratustra está propondo uma abertura angular, uma visão que enxergue mais longe e possibilite um voo maior em termos hermenêuticos, já que, como consta no título deste texto, há somente interpretações, em vez de fatos, fenômenos, dados do real. É bom notar que, em Nietzsche, quando falamos em possibilidade, em poder-ser, devemos por justiça compreender

6 Embora não nos tenhamos posto como objetivo ampliar nossas preocupações nesse campo específico, seria possível especular sobre as articulações entre os conteúdos do fragmento estudado e as teses levantadas por Nietzsche em "Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral" (Nietzsche, 1999), em especial no que diz respeito a uma teoria da linguagem ali esboçada, com suas aproximações ao campo da semiótica.

7 O tipo humano é uma contraposição nietzschiana ao tipo do humano elevado, o "além-do-homem" (*Übermensch*). Também expressa o modo de estar além de uma essência como o "ser", não constituindo, portanto, uma contraposição metafísica de valores. O humano é um tipo, aliás, dois tipos, segundo a noção de força no filósofo: o tipo humano forte e o tipo humano fraco. Nem "ser" e nem "não-ser", mas devir, o primeiro se aceita como tal, assim vive e enfrenta os obstáculos como estímulos para o seu crescimento, enquanto o segundo, não se conformando com essa sua condição existencial, recorre a um mundo que não existe, recorre ao Além porque precisa de estabilidade, prefere a alma ao corpo e, para isso, divide alma e corpo, o que não acontece com o tipo forte, que caminha na direção do "além-do-homem". Para uma visão mais profunda dessas noções, consultar *Nietzsche: para uma crítica à ciência* (Sousa, 2011).

a expressão no mais estrito sentido, de rejeição de todo e qualquer determinismo.

Isso abre espaço para uma conversa fundamental no terreno da compreensão como método e da Comunicação com suas possibilidades como meta de nossas reflexões neste ensaio. Trata-se de uma abertura a ser adotada, como entendemos, pela academia, talvez uma provocação. Santos, em texto já citado (2010), considera esta, de fato, uma atitude provocatória, uma vez que revela o mal-estar que ela causa nos feudos interpretativos de um modelo de pensamento assentado na ideia de ser o único detentor do monopólio do saber. "[...] demasiado ocupadas consigo mesmas para poderem responder às questões que o nosso tempo lhes coloca" (Santos, 2010, p. 532), as teorias e as disciplinas tendem a reagir "de modo não-teórico e não disciplinar quando forem objeto de questões não previstas por elas" (Santos, 2010, p. 533).

Não há e nem pode haver garantia alguma de um fim último a ser alcançado, ou agarrado, no ato de interpretar o mundo, o mesmo se dando com a proposta de uma epistemologia compreensiva, da qual também nunca se podem esperar "resultados inequívocos" (Arendt, 2008, p. 330). Vale nesse contexto a sugestão de Santos, no texto citado no parágrafo anterior: apostar, tal como o propôs Pascal, qualquer que seja o resultado, representa por vezes uma opção melhor que a de não apostar em coisa alguma.

Sendo assim, aparece como salutar para um pensamento compreensivo propor o diálogo entre as mais diferentes interpretações, teorias e práticas acadêmicas, o que acaba por extrapolar o próprio mundo acadêmico, podendo e devendo atingir a sociedade, hoje, como nos parece, muitas vezes perdida porque fragmentada sob os impactos de um tecnicismo perpetrado por uma formação 4.0, da intitulada quarta revolução industrial, em que, em especial, a área de Humanas é a mais atingida. Haveria aí um bom ponto de partida para uma reflexão sobre a angústia vivenciada na sociedade e suas interfaces com um ufanismo tecnicista que transforma o tipo humano em autômato ou em mão de obra dispensável. A propósito, Nietzsche já se posicionava contra o capitalismo tardio da Alemanha que ele vivenciou na segunda metade do século XIX (cf. Nietzsche, 2003b, p. 41-101. BA/EE).

4. Verdade e verdades

Mas o que tem a ver o tema da verdade com a hermenêutica, a esfera acadêmica ou, ainda, o modelo de sociedade na qual o tipo humano está inserido? Historicamente, a verdade é buscada pela filosofia ocidental desde os seus primórdios, e sua fundamentação clássica não poderia ser outra que de ordem metafísica. Nem é preciso despender muito tempo para se ver nessa busca um empenho particular de uma herança greco-romana de pensamento, com suas associações também históricas, pelo seu lado negativo, com o poder, a conquista e a violência. Mas voltemos por mais um instante à história da Filosofia, para notar como, tomada em sentido absoluto ou como distintas formas de verdade, a verdade é vista como ponto de partida e, também, de chegada. Desde a Grécia Antiga, a verdade se constitui e institui como uma referência e uma espécie de porto seguro para muitos. E a avaliação por detrás desse tipo de concepção é que há algo de indubitável naquilo que se afirme ou se imponha como verdade, verdade permanente ou não.

Mesmo na atualidade, vivida à sombra das excitantes tecnologias da informação e da comunicação, neste mundo que recebe de um bom número de autores o epíteto de pós-moderno, a verdade se mantém como paradigma, ainda que assumindo neste contexto histórico novas roupagens, sempre mais velozmente novas. No fundo, ninguém nunca opta facilmente por abrir mão da Verdade, com letra inicial maiúscula, ou de verdades. A verdade sempre estará em cena, ora como absoluta, ora como de longa e ora como de curta duração. O tipo humano não desiste da verdade, venha ela com a vestimenta que vier. Parece mesmo que não vive sem a verdade ou sem essa sua avaliação de verdade.

Mas o que é a verdade? Como Nietzsche a compreende, no universo do seu pensamento?

"Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias", responde Nietzsche, para quem "as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas" (Nietzsche, 1999, p. 57. WL/VM, § 1).[8]

De onde viria o "impulso à verdade", sempre de acordo com Nietzsche, não o sabemos. No social, "a partir da oposição ao mentiroso, em quem ninguém confia, que todos excluem, o homem demonstra a si mesmo o que há de honrado, digno de confiança e útil na verdade". Age como ser "'racional' sob a regência das abstrações;

8 Neste trabalho não é seguida a divisão dos escritos de Nietzsche em três períodos; por isso, essa obra do primeiro período é citada juntamente com outras do terceiro período, pois o que se busca aqui é um fio condutor presente no filósofo, independentemente dessa divisão. Portanto, o objetivo é mostrar que certas concepções em Nietzsche estão presentes desde o início de suas publicações. É o caso do termo verdade.

não suporta mais ser arrastado pelas impressões súbitas, pelas intuições, universaliza antes todas essas impressões em conceitos mais descoloridos, mais frios, para atrelar a eles o carro de seu viver e agir" (Nietzsche, 1999, p. 57. WL/VM, § 1).

Em uma disputa hermenêutica, e não é raro ver isso, o que está em jogo é justamente a questão da verdade, de quem está com a razão ou com a interpretação correta. Schopenhauer, a quem Nietzsche cita em outro contexto, em *A arte de ter razão* (2017), poderia aqui ser invocado, lá onde ele mostra que a verdade do discurso pode muitas vezes nada ter a ver com a verdade objetiva, que é possível ter razão sem ter razão alguma. Mas, voltando a Nietzsche, se tudo não passa de uma convenção e de uma crença, e até mesmo de uma questão moral da oposição entre verdade e mentira, então resta a pergunta: para que interpretar, se interpretar não passa de uma espécie de exercício de decodificação das convenções sociais, conceituais e assim por diante? Aliás, é o que o próprio Nietzsche faz quando define verdade na citação de *Verdade e mentira no sentido extramoral*, nas páginas anteriores. O filósofo também interpreta.

Se uma verdade se constitui como um "batalhão" de figuras de linguagem, então trata-se, principalmente no caso da metáfora, de uma metalinguagem ou de uma linguagem que fala de outra linguagem, não direta, mas indireta. Juntando a isso o fato de que, para Nietzsche, verdade é "convenção", torna-se difícil estabelecer o que é a verdade enquanto garantia parcial ou, pior ainda, suprema. Mas o mundo acadêmico – e sempre frisando que não somente a academia – age como se assim não fosse, habituado, como está, a tomar como ponto de partida verdades prontas para construir outras verdades. Nem tudo é de se criticar nessa operação, porque, ainda que se admita uma crise das verdades, para usar o plural, a questão é que a noção de verdade como algo confiável constitui um dado indispensável para as pesquisas e diálogos no mundo acadêmico. Seria talvez melhor se as referências, principalmente teóricas, fossem móveis, ainda que levassem séculos ou milênios para se movimentar.

Nietzsche não é, em momento algum, como poderia parecer, contra o estabelecimento de verdades, desde que aqueles que com elas lidam tenham consciência do que estão fazendo, de que tais verdades são interpretações e que muitas delas até já perderam seu valor "enquanto moeda", só circulando mais na forma de "metal". Todavia, o tipo humano parece mesmo necessitar sempre de verdades, de ancoradouros, de pontos de apoio ou de "muletas". Também utiliza suas verdades ou interpretações para justificar a importância delas, o quanto elas fundamentam isso ou aquilo.

5. Verdade e verdade objetiva

Ainda que possam provir como resultado da aplicação do método experimental da ciência, as verdades ditas objetivas não representam mais que um recorte da realidade que precisa de interpretação, sendo essa verdade, por isso mesmo, não mais que uma interpretação. Em última instância, como temos observado, tudo tem que passar por interpretações, uma vez que o tipo humano só lida com interpretações – até porque, se ele não interpretar, não estará em condições de participar da vida social, elaborar suas teorias ou estabelecer suas verdades. Nietzsche é enfático no que tange ao que significa para ele o "real". Ele faz trocadilhos hermenêuticos com o conceito, com o qual, por exemplo, a ciência lida para estabelecer suas verdades, além de nos mostrar que não conseguimos viver sem uma "causalidade da vontade". Assim, por detrás de uma vontade tem que haver um "quem". Mas quem é esse quem?

Tendo em conta o fato de nenhuma realidade poder ser "dada" como real, "exceto nosso desejo e paixões", e não podendo nós do mesmo modo descermos ou subirmos a "nenhuma outra 'realidade', exceto à realidade de nossos impulsos", e sendo o pensar apenas a relação desses impulsos entre si, nada havendo para além disso de real em nós e para nós, é, por conseguinte, e mais uma vez, o sentir que nos faz dizer o que é ou não real. Nossas paixões e pulsões nos fazem sentir, e as relações entre elas disparam os pensamentos que despertam em nós a crença de que somos um "sujeito". E a partir daí interpretamos tudo: o nosso mundo material e mecânico, mas, para além do que pensam Berkeley ou Schopenhauer sobre a representação, estamos a ela vinculados, segundo Nietzsche, na mesma proporção de realidade dos instintos. O que sentimos, o que vemos, a nossa relação com o mundo, tudo é apenas impulso, pulsão, paixão e nada mais, nossa realidade mais profunda e primitiva: os afetos que desde nossas origens na terra têm regulado nossos corpos e nossa existência. Daí que o que denominamos consciência nos impõe o método que nos faz pesquisadores do mundo como pluralidade, e inclusive de nós mesmos. Mas também o método, fruto dessa consciência – a consciência do método –, é mais uma artimanha de sobrevivência dos instintos ao longo dos tempos. Carregamos em nós a besta primitiva e o mais polido do tipo humano (cf. Nietzsche, 1998, p. 42-43. JGB/BM. O espírito livre, § 36).

Para o filósofo, em suma, "quem" interpreta são os afetos, e estes são relações de forças e, portanto, vontades de potência ou vontade de poder, isto é, aquilo que na força e impulsiona para mais força. "[...] É a vontade de potência ou de poder que interpreta" (Nietzsche *apud*

Deleuze, s/d, p. 82).[9] Em outras palavras, o que entra em consideração para Nietzsche é que são os afetos, os instintos, que disparam os pensamentos, e tudo não passa de relações de forças, muito diferentemente de uma única, ordinária e reducionista relação de causa e efeito. A própria consciência não é outra coisa senão isso: o "eu" que elabora uma verdade através de sua consciência é a ficção necessária para que o tipo humano dê ou não sentido às coisas, pois faz parte do processo a necessidade de valorar e, portanto, de avaliar.

A avaliação tem a ver com a perspectiva sob a qual se avalia. Daí surgirão os valores morais e, de certa forma, a "verdade" passa a ser também uma questão moral, ainda que Nietzsche trate da verdade, inclusive, no sentido extramoral. O filósofo vai muito além do problema da consciência para se lançar na sua perspectiva da vontade de potência ou poder. Porque o mundo é somente vontade de potência ou poder, e não mais que isso (cf. Nietzsche, 1998, p. 43. JGB/BM. O espírito livre, § 36). Considerando que pensar é apenas relações de impulsos em nós, então o "quem interpreta" se coloca como relações de forças em nós mesmos – e por isso toda "verdade", por mais que seja do mundo "material", é "verdade" enquanto interpretação.

O positivismo tradicionalmente assumiu como um dado a existência de fatos, enquanto Nietzsche considera o contrário: que só há interpretações, não existindo, portanto, fatos de verdade. Porque tudo é apenas interpretação de relações de forças, de vontades de potência: o mundo é isso. Tudo que "aparece", e que também "desaparece", é interpretação da própria natureza enquanto devir, relações de forças, vontades de potência. Ou, se quisermos caminhar pelo campo de uma exegese, tudo não passa de invenção do "sujeito", que, como já apontado em outras partes deste nosso texto, constitui no fundo uma crença que temos de que somos um "eu".

E, ainda que se levasse o "sujeito" em consideração, haveria que ser imediatamente afirmado que tudo é "subjetivo", já que nada, nenhuma teoria, poderia ser construída sem essa ação da subjetividade em nós. Então, a busca de um sentido para o mundo enquanto paradigma não se faz valer, uma vez que inúmeras são as interpretações, inúmeras as perspectivas, e, sendo assim, novamente o que interpreta tudo são as nossas necessidades com nossos instintos e suas ânsias por dominação, já que é força contra força, instinto contra instinto, pulsão contra pulsão, e assim por diante. Do mesmo modo, cada qual quer impor ao outro a sua perspectiva, a sua interpretação de mundo, de si mesmo, enfim... (cf. Nietzsche, 2002a, p. 164-165. Fragmento póstumo 7 (60) – entre o outono de 1885 e janeiro de 1889).

Para Nietzsche o positivismo,[10] que eleva a ciência como que à maior maturidade que o tipo humano pode imaginar, cometeu um grande equívoco e transformou a ciência em algo reducionista, uma ciência pesada. Não é por acaso que Nietzsche tem uma obra intitulada *A gaia ciência*, que propõe uma ciência leve, alegre, da "terra" em seu sentido mais amplo, até o filósofo chegar, no chamado "terceiro período de sua produção", ao conceito de vontade de potência ou poder. O filósofo fará a devida crítica ao "factual", pois, como o próprio Nietzsche propõe no texto citado, não existem fatos "em si", não há como havê-los. É necessária a intermediação do tipo humano em todas essas relações de forças, vontades de potência ou poder que é o próprio mundo. Nisso é que surge a necessidade de interpretação, havendo somente interpretações e não fatos. Essas considerações do filósofo terão também um grande impacto sobre a noção ou interpretação de "verdade" na ciência. O cientificismo será alvo de constantes ataques por parte de Nietzsche, que termina por considerá-lo uma péssima forma de interpretar e de fazer ciência.

6. Perspectividade e compreensão

É nesse contexto teórico mais amplo que se dá a preponderância do perspectivismo nietzschiano, como uma espécie de rota de fuga, mais do que uma solução para o fato de a interpretação dominar o discurso sobre o real. A necessidade de uma "objetividade" na ciência – entre aspas – é posta pelo filósofo como atrelada ao perspectivismo, sem o qual, aliás, não se chega de forma alguma a essa certa "objetividade" admitida por ele. Nietzsche termina por desfazer a contraposição "subjetividade" e "objetividade", ainda tão usual nos dias de hoje e que, por vezes, domina as discussões no mundo acadêmico.

O filósofo, como observamos, coloca em xeque os conceitos de verdade e de fato, privilegiando a interpretação como a única via possível para o conhecimento, não sendo a ninguém possível escapar do jogo das interpretações.

9 Para quem desejar, é interessante ler integralmente a obra *Nietzsche e a Filosofia* (Deleuze, s/d). Contudo, interessa bastante aqui o capítulo 2 e o item 6 desse capítulo, que se intitula "O que é a vontade de poder?". E Deleuze nos proporciona entender bem essa questão de que a força tem uma "genética" que é aquilo "quem" quer mais força na força, isto é, a vontade de poder é esse "quem", como ele utiliza o termo. Não há sujeito. Daí entra a nossa razão como pequena razão, conforme já citado no corpo deste texto através do *Assim falou Zaratustra.*

10 Há um período em que Nietzsche se encanta com o positivismo, principalmente na sua obra *Humano, demasiado humano*, que pertence ao "segundo período". Todavia, à medida que percebe o quanto o positivismo cai em contradição e afirma o cientificismo, Nietzsche se afasta dele e o critica duramente.

Sendo assim, como atingir um maior e melhor entendimento sobre algo, uma vez que o ponto de partida é e não pode deixar de ser um conhecimento/interpretação perspectivado, com as marcas e, poderíamos dizer, com o toque de pobreza do sujeito – a pequena razão –, na perspectiva nietzschiana?

Nunca é demais lembrar o quanto o filósofo – por mais "sacrílego" que seja, como ele mesmo observa a respeito de si mesmo – insiste que somente por meio de uma grande disciplina podemos chegar ao conhecimento (possível). Nenhuma observação pode ser desinteressada para aquele que, sob a batuta da perspectividade de todo conhecimento, amplia o seu olhar sobre o objeto de pesquisa, aprendendo a ver com o "maior número de olhos possíveis", isto é, sob diferentes perspectivas, a mesma questão, o mesmo problema, "gratos a tais resolutas inversões das perspectivas e valorações costumeiras", ainda que se tenha uma própria.

"Mais olhos" significam mais afetos interpretando, e, portanto, um conflito de interpretações se faz presente, sendo inclusive necessário para que se chegue ao que Nietzsche, bem entre aspas, denomina maior "objetividade" na busca pelo conhecimento. Nesse viés, dialogar não é simplesmente concordar ou discordar, mas um exercício perspectivista orientado a permitir que se chegue a uma maior compreensão, a uma "objetividade" possível. Aqui, é bom lembrar que o conflito também compõe a abordagem da compreensão como método, pois não há relação dialógica sem conflito. Ora, o conflito não precisa ser entendido como uma espécie de guerra, podendo ser visto como oportunidade, como relações de forças compondo essa luta necessária para esses "homens do conhecimento", como os denomina Nietzsche. "[...] Existe *apenas* uma visão perspectiva, apenas um 'conhecer' perspectivo; e *quanto mais* afetos permitirmos falar sobre uma coisa, *quanto* mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso 'conceito' dela, nossa 'objetividade'" (Nietzsche, 2002b, p. 108-109. GM/GM. III, § 12).

O filósofo é bem claro, novamente, sobre a importância dos afetos como parte do processo de conhecimento. É necessário, na perspectiva nietzschiana, sentir de várias formas, sentir para pensar, olhar a partir de vários olhares para que um conhecimento chegue – ou melhor, possa (sem determinismo) chegar – a um grau maior de "objetividade". Sem essa prática do perspectivismo, que perpassa o espírito da compreensão como método, torna-se difícil tratar do assunto em termos de uma pluralidade de perspectivas. E quanto mais perspectivas, melhor – ainda que sem garantia absoluta de sucesso – para que se chegue a uma dita "verdade", a qual, como é possível compreender, não passará de interpretação e apenas interpretação em todo rol do conhecimento humano.

O perspectivismo, ao mesmo tempo que afirmamos que perpassa o espírito do método da compreensão, representa, na prática, um grande desafio lançado por Nietzsche a esse mesmo método. A prática do perspectivismo se impõe como uma condição para a fuga do positivismo e para o exercício da dialogia interna (inter- e transdisciplinaridade) e externa (ecologia de saberes) ao campo científico. É sabido como vícios como o do sectarismo no mundo das teorias e práticas científicas, a disputa por territórios, a arrogância, o fechamento ou o simples desconhecimento das possibilidades geradas pelo diálogo interno e externo à ciência acabam não apenas impedindo o exercício de aproximação ou de alargamento dos "olhares", mas também causando enormes mutilações no terreno social e político.

Assim, o pensamento, a teoria, a epistemologia ou, ainda, o método da compreensão (Künsch, 2020) pode se tornar o elo forte contra práticas separatistas no universo daquilo que, por si só, é inseparável, ainda que tenhamos hoje, neste dado momento da história – por quanto tempo a gente ainda não sabe – que trabalhar por disciplinas e áreas do conhecimento. Haveria que distinguir neste ponto entre especialização e fragmentação do saber: a especialização, assim como a razão humana, não colide com a necessidade de se buscar o diálogo possível, assim como não é sina nem destino, mas uma doença do espírito, separar a "pequena razão" de sua "grande razão", o corpo, ou Apolo de Dioniso, para ficarmos em mais uma distinção efetuada por Nietzsche.

7. Pistas para uma Comunicação compreensiva

Em textos anteriores, Sousa (2011, 2016, 2018, 2019) tem chamado a atenção para o que uma leitura atenta de Nietzsche pode evocar, provocar e acionar em uma conversa com e sobre o pensamento compreensivo. O grande destaque recai sobre o perspectivismo nietzschiano, esse modo de ver a produção de conhecimentos que balança os alicerces sobre os quais uma certa tradição filosófico-científica, em crise, erigiu nos últimos séculos o império da verdade, da objetividade e da certeza absolutas, com doses mais ou menos fortes de reducionismo e de falta de atenção para com uma desejável democracia cognitiva que prestasse um tributo à complexidade do mundo e à diversidade de seus saberes e práticas.

A renúncia a essa visão da verdade que não distingue entre a *ordo idearum* e a *ordo rerum* – que confunde, portanto, entre o real e o discurso, a narrativa, a representação, a imaginação do real – abre novas perspectivas para

um diálogo possível entre diferentes tipos de esforços de compreensão do mundo e de orientações para o viver. Ainda em construção, este e outros textos dessa conversa com o filósofo nos levarão, em um momento posterior, a mergulhar nas águas profundas desse rio de águas às vezes revoltas do pensamento nietzschiano. Princípios como o da incerteza e da complementaridade dos opostos, que invariavelmente se fazem presentes nas conversas com Nietzsche, merecem uma atenção especial, porque muito caros ao método da compreensão. São saberes, ou melhor, perspectivas. São olhares, que, como acreditamos, podem se associar a outros olhares na busca por uma maior compreensão. Múltiplas perspectivas.

Por enquanto, e muito provisoriamente – sem conclusões, que o ensaio não se dá bem com conclusões, preferindo, antes, alimentar uma conversa em curso –, limitamo-nos a deduzir algumas considerações possíveis para a Comunicação enquanto área de conhecimento, tomando-se a perspectiva nietzschiana como isso que ela se propõe a ser: uma perspectiva possível, interpretação, mapa e não território. São elas:

a) *O antigo pode ser amigo do novo* – no interior da própria área de conhecimento, o jogo multiperspectívico poderia começar por favorecer uma conversa, de preferência amigável e respeitosa, entre teorias antigas e teorias novas, entre teorias que nascem do embate com outras teorias, mantendo-se o foco nas questões que disparam os processos de construção teórica, tendo em conta que essas questões, e não tanto as respostas que se lhes dão, podem representar uma base mais firme para o diálogo compreensivo, uma vez que em geral ultrapassam as barreiras dos tempos curtos para dialogar com a humana e perene condição. Tanto nos pontos em que as teorias concordam umas com as outras quanto naqueles em que divergem entre si, se corrigem ou complementam, há em geral mais o que se conversar do que presume a arrogância dos que tomam esses processos sob a lupa de um velho e enrugado positivismo acometido pela doença incurável de imaginar que o tempo de hoje é melhor, mais avançado e mais completo que o tempo de ontem.
b) *A fraqueza pode ser uma força* – a nosso juízo, têm sido gastos muito tempo e energia nos últimos anos à procura de definições para o campo da Comunicação, seus limites e seus contornos, seu(s) objeto(s), suas teorias, seus cânones, em suma, para o que nos separa (e, no limite, divide), mais do que para o que nos aproxima de outros campos e práticas de conhecimento. O estatuto da certeza e do rigor parece despertar com força os ânimos de estudiosos e pesquisadores habituados a pensar a ciência sob os moldes das ciências naturais e a partir de determinações de causa e efeito. Nesse programa de atuação, o perfil em trânsito de uma área de conhecimento de natureza humana e social, onde o plural, tanto em termos dos diálogos que tece com outras áreas de conhecimento quanto dos objetos com os quais tende ordinariamente a se ocupar, fala mais forte que o singular, não raro é visto como uma debilidade, deixando rastros de verdadeira angústia e desespero nos templos em que se celebra o culto à Ciência positiva. A pergunta que se levanta é a partir de que momento, desafiada pelo perspectivismo e pela hermenêutica sob a perspectiva nietzschiana, a Comunicação se deixará motivar pela ideia de que pode se distinguir de outras áreas de conhecimento mais pelas porteiras e pontes que constrói que pelos muros que se lhe exigem que erga.
c) Um *saber compreensivo que promove a compreensão* – compreensiva nos diálogos internos que persegue e cultiva e com as disciplinas e áreas científicas de que se serve –, tudo o que mais se pode esperar de uma área como a da Comunicação é que comunique, se comunique, promova comunicação, em todos os níveis, nas relações entre os sujeitos tanto quanto no universo das mais distintas experiências humanas de conhecimentos e de práticas. Outra área de conhecimento mais apropriada parece não haver para pensar compreensivamente essa eterna busca humana por conhecimento verdadeiro e por realizações que nos aproximem sempre mais um pouco de nossos sonhos humanos. Pensar de modo compreensivo a epistemologia da Comunicação, como nos parece, significa situá-la no horizonte possível de uma comunicação entre as distintas áreas de conhecimento umas com as outras, disciplinas, teorias etc., etc., e destas com outros saberes – os saberes comuns, os mitos, as religiões, as artes etc. –, que de todos eles precisamos para que sonhos tão fundamentais como democracia, paz e justiça, direitos humanos, saúde, segurança e muitos outros possam continuar a ser sonhados por um número cada vez maior de pessoas, uma vez que, como dizia a seu tempo Dom Helder Câmara, sonho que se sonha só é só um sonho, enquanto sonho que se sonha junto é o começo de uma nova realidade.[11] Não é o caso de se

11 A frase de Miguel de Cervantes, o autor de *Dom Quixote*, serviu de inspiração tanto para Dom Helder Câmara como para Raul Seixas,

> pensar a Comunicação como uma espécie de para-disciplina, porque nem de disciplina é em primeiro lugar a conversa neste nosso contexto: pensada no mundo das relações dos vínculos, no mundo do "entre", a Comunicação teria uma boa chance para se pensar em seu papel de mediadora, escapando deste modo das tristes hierarquias que colocam uns saberes acima de outros.

Por fim, mas não menos importante, cumpre observar que a postulação de uma epistemologia compreensiva da Comunicação requer uma corajosa reflexão crítica sobre o fato de a epistemologia, quase sem exceção, ter se transformado em monopólio de um modo específico de conhecimento, que, por sua vez, funda modos específicos de práticas – o conhecimento científico. Com Nietzsche e para além de Nietzsche, um pensamento, um método, uma epistemologia compreensiva exige que se rompa com esse monopólio, para assumir, sem hierarquias, no campo mais vasto da cultura humana, distintas perspectivas epistemológicas sobre distintos modos de os humanos tentarem compreender o mundo em que vivem e de nele atuarem.

Indícios de uma epistemologia compreensiva da Comunicação também foram destacados pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991), quando refletiu a respeito da Teoria da Comunicação como um metadiscurso de todas as comunicações nos capítulos finais de *Bodenlos*, sua autobiografia filosófica publicada na Alemanha em 1992 (Flusser, 2007, p. 204-209). Nessa obra, Flusser lembra que discutiu com vários filósofos a respeito da estrutura para uma escola de *Studium Generale* ou *Cross Education*, que poderia ser formada por "dois círculos de cadeiras, um científico e o outro humanístico, com a cadeira da teoria da comunicação como ponto de cruzamento".[12] Ele chegou a apresentar essa questão, na forma de uma definição de trabalho, "working definition", para um programa de curso oferecido na FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. A Teoria da Comunicação, como a entendia Flusser, não é isenta de valor, mas humanística pelo fato de ser um *Studium Generale* que sintetiza várias disciplinas, "a fim de desautonomizá-las e destecnologizá-las [...]. Em outros termos: assim definida, a Teoria da Comunicação visa superar o saber tecnocrático por um saber engajado no homem" (Flusser, 2007, p. 206).

O autor também revelou a perspectiva de uma espécie de *Studium Generale* quando atuou como professor-substituto de Filosofia da Ciência na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo: "Creio que a filosofia da ciência encontrará sua posição apropriada apenas dentro de uma teoria da comunicação a ser futuramente elaborada" (2007, p. 212). Pistas para tal teoria, a ser elaborada, incluem a busca por uma nova teoria do conhecimento intersubjetivo, com espaço para a intersubjetividade (Flusser, 1983, p. 63). Os apontamentos de Flusser a respeito de uma "teoria da comunicação a ser futuramente elaborada" reforçam o papel da Comunicação como operadora do diálogo entre teorias, epistemologias, áreas de conhecimento e saberes humanos em geral, científicos e não científicos.

A desqualificação epistemológica de uma epistemologia atrelada a uma das formas de conhecimento, a científica – tão útil e tão importante para as coisas e situações de que cuida, como inviável para tantas outras –, não representa o mesmo que eliminar os conflitos visíveis e invisíveis entre os diferentes modos de conhecimento para acolher acriticamente uma forma de relativismo com requintes de pós-modernidade. É, sim, e de novo, o convite para nos sentarmos ao redor do fogo e colocarmos em dia as nossas conversas sobre a difícil arte, trágica e cômica, de administrar a vida. Uma conversa-ensaio.

quando este compôs "Prelúdio", canção que integra o álbum "Gita", lançado em 1974.

12 Em 22 de junho de 1991, na Universidade do Ruhr-Bochum, Flusser proferiu uma palestra sobre "Comunicologia como crítica da cultura", disponível no Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Parte das denominadas Conferências de Bochum foram publicadas com o título *Comunicologia: reflexões sobre o futuro* (Flusser, 2014).

Referências

ADORNO, T. 1986. O ensaio como forma. *In:* G. COHN, *Theodor W. Adorno*. São Paulo, Ática, p. 167-187.

ARENDT, H. 2008. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras.

ARQUIVO Vilém Flusser. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1947. Acesso em: 20 abr. 2020.

DELEUZE, G. S/d. *Nietzsche e a filosofia.* Tradução de António M. Magalhães. Porto-Portugal, Rés Editora.

FLUSSER, V. 1983. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo, Duas Cidades.

FLUSSER, V. 1998. *Ficções filosóficas*. São Paulo, Edusp.

FLUSSER, V. 2007. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo, Annablume.

FLUSSER, V. 2014. *Comunicologia: reflexões sobre o futuro. As conferências de Bochum.* São Paulo, Martins Fontes.

KÜNSCH, D.A. 2020. *Compreender: indagações sobre o método*. São Bernardo do Campo, SP, Editora Metodista.

MONTAIGNE, M. 2010. *Ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras.

NIETZSCHE, F.W. 2001. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras.

NIETZSCHE, F.W. 1998. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2ªed. / 2ª reimp. São Paulo, Companhia das Letras.

NIETZSCHE, F.W. 1999. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral. *In: Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho e posfácio de Antônio Cândido. São Paulo, Nova Cultural.

NIETZSCHE, F.W. 2001. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 3ª reimp. São Paulo, Companhia das Letras.

NIETZSCHE, F.W. 2002a. *Fragmentos finais*. Seleção, tradução e prefácio de F.R. Kothe. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.

NIETZSCHE, F.W. 2002b. *Genealogia da moral: uma polêmica.* Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 4ª reimp. São Paulo, Companhia das Letras.

NIETZSCHE, F.W. 2003a. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Mário da Silva. 12ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

NIETZSCHE, F.W. 2003b. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. *In: Escritos sobre educação.* Tradução, apresentação e notas de N.C. de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro, PUC-Rio; São Paulo, Loyola.

SANTOS, B.S. 1989. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal.

SANTOS, B.S. 2010. Um ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. *In:* B.S. SANTOS; M.P. MENESES, *Epistemologias do Sul.* São Paulo, Cortez, p. 519-562.

SCHOPENHAUER, A. 2017. *A arte de ter razão*. Petrópolis, RJ, Vozes.

SOUSA, M.A. 2011. *Nietzsche: para uma crítica à ciência*. São Paulo, Paulus.

SOUSA, M.A. 2016. O perspectivismo de Nietzsche e a compreensão. *Líbero*, XIX(37-A):109-116, jul.-dez.

SOUSA, M.A. 2018. Epistemologia da compreensão em viés nietzschiano. *Folios*, 39:101-112, enero-junio. Disponível em: https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/folios/article/view/338468. Acesso em: 31 maio 2020.

SOUSA, M.A. 2019. Epistemologia da compreensão em viés nietzschiano. *In:* D.A. KÜNSCH *et al*. *Pensar com o signo da compreensão.* São Bernardo do Campo, SP, Editora Metodista, p. 147-161.

VENTURA, M.S.; MENEZES, J.E. de O. O ensaio como forma possível da compreensão. IV Seminário Brasil-Colômbia de Estudos e Práticas da Compreensão. *Caderno de Resumos.* São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: http://www.dacompreensao.com.br/wp-content/uploads/2019/10/programa30-10-2019.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

Artigo submetido em 08-07-2020
Aceito em 17-08-2021